

Viver no Zango

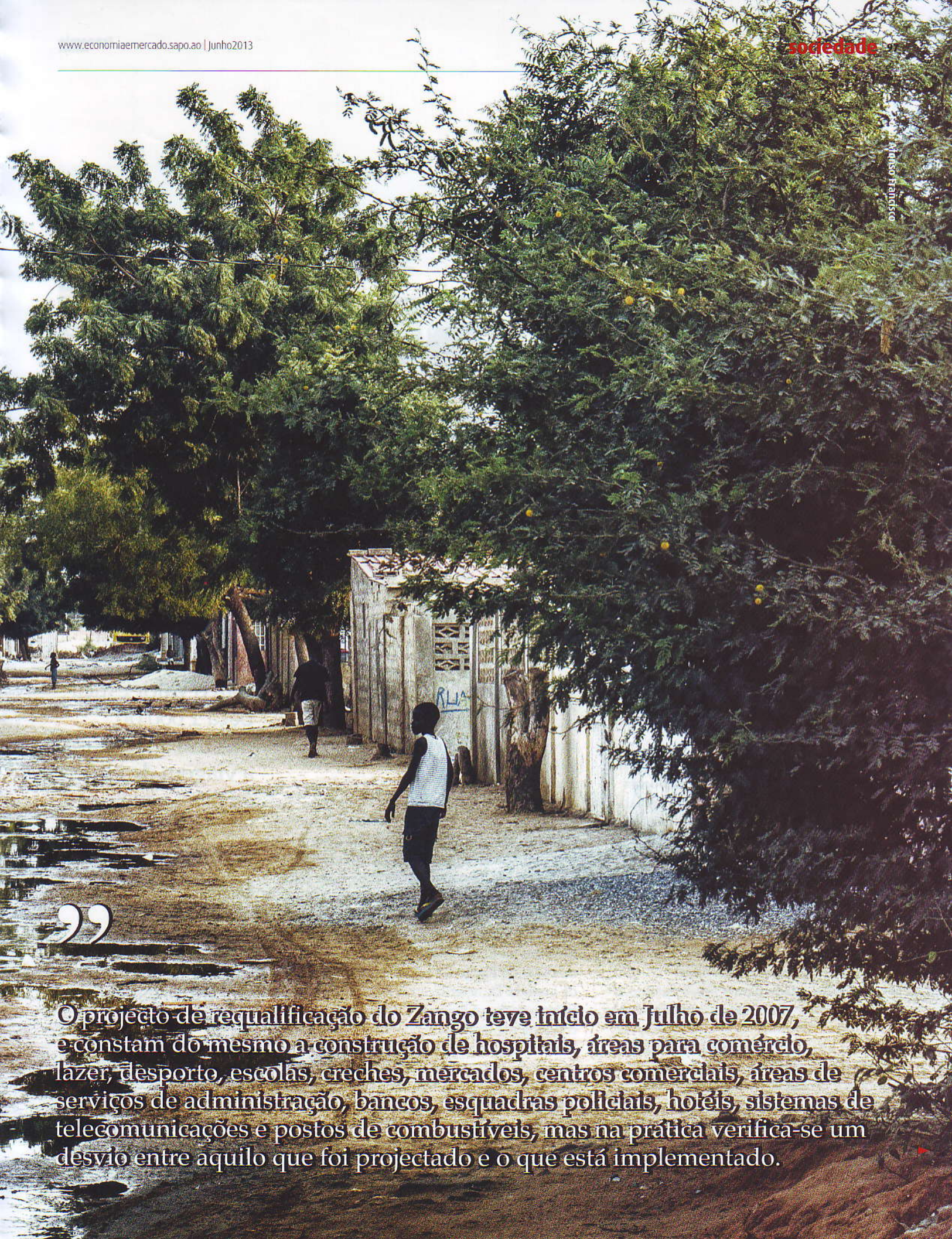
Um mar de agruras

Surgiu no âmbito do Programa Nacional de Habitação Social, hoje é um dos bairros de Viana em grande expansão e já atingiu a sua quinta etapa. Chama-se Zango e nele vivem milhares de famílias, aparentemente bem alojadas, que antes residiam em condições precárias, em vários pontos de Luanda. Para garantir aos moradores mais qualidade de vida, consta do projecto do Governo a construção de hospitais, áreas para comércio, lazer, desporto, escolas, creches, mercados, centros comerciais, áreas de serviços de administração, bancos, esquadras policiais, hotéis, sistemas de telecomunicações, postos de combustíveis, mas na prática quase nada se vê e a população é obrigada a percorrer grandes distâncias e a enfrentar o trânsito caótico para todos os dias se deslocar à cidade onde tudo ainda acontece.

Sónia Rebelo

quinglahebo.economiaemercado@gmail.com





”
O projecto de requalificação do Zango teve início em Julho de 2007, e constam do mesmo a construção de hospitais, áreas para comércio, lazer, desporto, escolas, creches, mercados, centros comerciais, áreas de serviços de administração, bancos, esquadras policiais, hotéis, sistemas de telecomunicações e postos de combustíveis, mas na prática verifica-se um desvio entre aquilo que foi projectado e o que está implementado.



Foto: Afonso Francisco

”

Em condições normais, sem as corridas curtas que os taxistas fazem, “gasto diariamente 500 kwanzas, mas quando surgem situações como esta o valor estica para 1 000 ou mesmo 1 500 para a viagem de ida e volta”, revela o morador, Mário de Carvalho, cujos gastos mensais em transporte, considerando os 22 dias úteis de trabalho, estão estimados em cerca de 33 mil kwanzas, mais do que a metade do seu ordenado fixado em 60 mil kwanzas.

► **O** nosso plano inicial era pernoitar no Zango para, a partir das primeiras horas do dia seguinte, acompanhar a trajectória dos moradores que, às primeiras horas da manhã, se deslocam para o centro de Luanda que, no essencial, constitui a fonte do seu ganha-pão, mas fomos alertados que era muito perigoso circular nas ruas do bairro muito cedo.

Como alternativa, ao nascer-do-sol do dia 14 de Maio, fizemo-nos à estrada em direcção à zona leste de Luanda, concretamente no Zango, município de Viana, onde continua a ser realojada a população que vive em áreas de risco noutros pontos da cidade.

Do centro da cidade para o nosso destino, e recorrendo-se à via expressa, o trânsito faz-se com fluidez, algumas vezes ameaçado pelas paragens bruscas dos camiões conduzidos por chineses, espalhados por diversas obras, públicas e privadas, transportando material de construção, como britas que às vezes se libertam e causam fissuras nos vidros dos automóveis de menor altura.

Meia hora foi o tempo suficiente para

chegarmos ao destino, sem sobressaltos.

Aí chegados, encontramos uma população descontente que nos descreve o calvário que é fazer o sentido inverso, ou seja, sair do Zango para a cidade àquela hora, principalmente passando pela avenida Deolinda Rodrigues, a famosa estrada de Catete.

O relógio marcava 6h40. Ao percorrer as artérias do bairro, deparamo-nos com as paragens de táxi abarrotadas de gente, entre estudantes e trabalhadores, que lutava para obter uma vaga em cada carro que ali parava.

“Estou aqui há uns 30 minutos e não há táxi, infelizmente os que aparecem estão a cobrar 200 kwanzas até à Vila”, conta Mário de Carvalho, morador do Zango II e trabalhador do Porto de Luanda. De acordo com a fonte, o seu trajecto de casa à Baixa de Luanda, em dias sem congestionamento, dura no mínimo uma hora. Em condições normais, prossegue Mário, sem as corridas curtas que os taxistas fazem, “gasto diariamente 500 kwanzas, mas quando surgem situações como esta o valor estica para 1 000 ou mesmo 1 500 para a viagem de ida e volta”, revelou o morador, cujos gastos mensais em transporte, considerando os 22 dias úteis

”

Ruas sem asfalto, esburacadas e com água estagnada, é também outro cenário que se pode vislumbrar no Zango I, onde foram alojadas mais de 300 famílias das mais de mil desalojadas na sequência das calemas e incêndios que assolaram a Ilha de Luanda em 2008. Os outros moradores, segundo revelaram, são provenientes das falécias da Boavista, no município do Sambizanga.

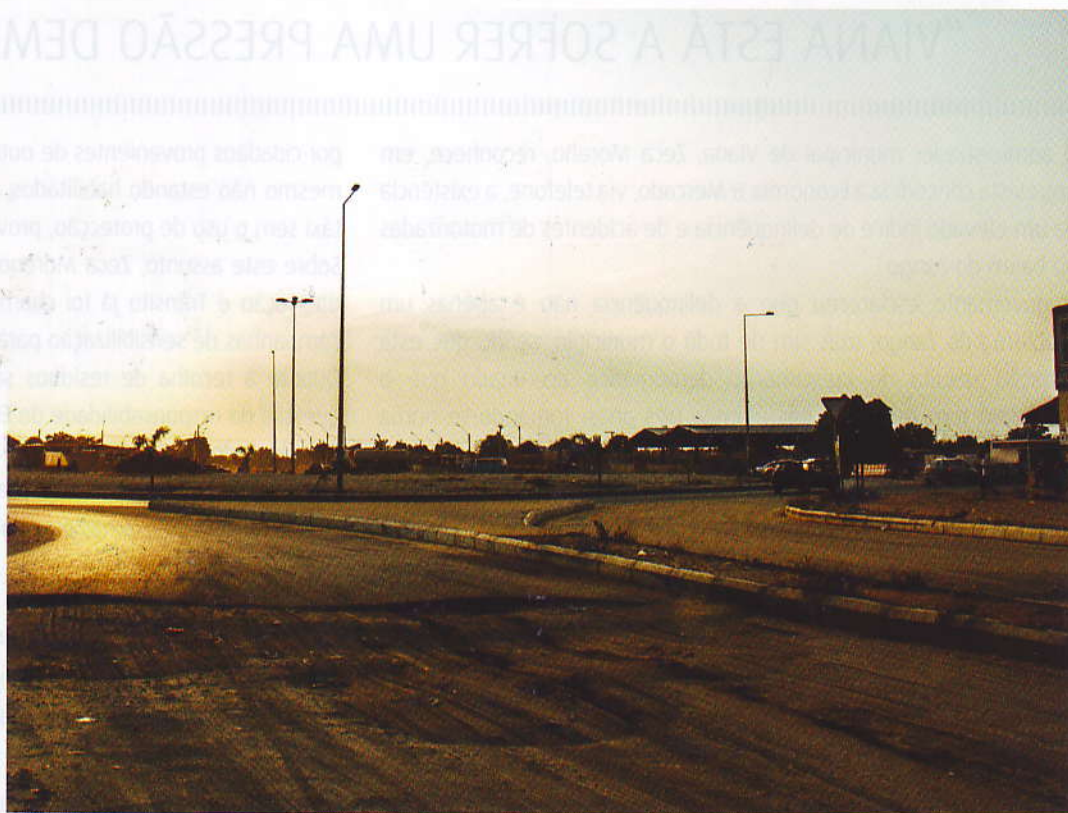


Foto: Alonzo Francisco

de trabalho, estão estimados em cerca de 33 mil kwanzas, mais do que a metade do seu ordenado fixado em 60 mil kwanzas.

A fonte sublinha que quando há muito engarrafamento na zona da Estalagem e do Grafanil, considerados os pontos críticos do trânsito na avenida Deolinda Rodrigues, o valor gasto em táxi pode subir ainda mais.

“A primeira vez que tentei apanhar o comboio fui assaltado no carro que se fazia passar por táxi para a Vila de Viana, onde fica situada a estação. Desde aquela data prefiro gastar um pouco mais, levantando-me relativamente mais tarde, do que pôr a minha vida em risco para apanhar o comboio que parte muito pouco cedo”, esclarece Mário de Carvalho.

Por sua vez, Alzira Vaz trabalha num centro comercial na centralidade do Kilamba e, apesar da proximidade entre o local de trabalho e a sua casa, também tem problemas de táxi. “Os taxistas fazem linhas curtas, pelo que para apanhar um táxi directo tenho que acordar muito cedo, mais ou menos às 5 ou 6 horas da manhã”, conta, acrescentando que em más alturas, os seus encargos diários ficam perto de 2 000 kwanzas.

Questionada obre a existência de altos índices de delinquência naquela zona, a munícipe garante que os malfeitores actuam mais no Zango II, entretanto, o Zango I carece de energia eléctrica que é distribuída sob o regime de dias alternativos.

Moradores entregues à sua sorte

O projecto de requalificação do Zango teve início em Julho de 2007, e constam do mesmo a construção de hospitais, áreas para comércio, lazer, desporto, escolas, creches, mercados, centros comerciais, áreas de serviços de administração, bancos, esquadras policiais, hotéis, sistemas de telecomunicações e postos de combustíveis, mas na prática verifica-se um desvio entre aquilo que foi projectado e o que está implementado.

Assim, várias são as inquietações da população que nele vive, dentre as quais a dificuldade de se deslocarem para o centro da cidade, onde estão concentrados todos os serviços administrativos e onde trabalha a maioria dos moradores. A esta insuficiência juntam-se os problemas constantes de cortes de luz e água.

“VIANA ESTÁ A SOFRER UMA PRESSÃO DEMOGRÁFICA”

O administrador municipal de Viana, Zeca Moreno, reconhece, em entrevista concedida à Economia & Mercado, via telefone, a existência de um elevado índice de delinquência e de acidentes de motorizadas no bairro do Zango.

O governante esclareceu que a delinquência não é apenas um problema do Zango, mas sim de todo o município, sendo que esta situação resulta do crescimento demográfico acentuado que o município tem registado nos últimos três anos, tornando-se numa espécie de albergaria dos povos que viviam em zonas de risco no centro da cidade.

Zeca Moreno avança que dos cerca de 6 milhões de habitantes que se estima viverem em Luanda, mais de 2 milhões encontram-se em Viana. “Isto tem provocado uma pressão demográfica muito grande, mas o Comando Municipal de Viana da Polícia Nacional já tomou medidas no sentido de redobrar os esforços para combater os infractores”, garante o administrador.

A fonte acresce que os acidentes de viação são provocados, sobretudo,

por cidadãos provenientes de outras províncias que adquirem motos mesmo não estando habilitados, dedicam-se à actividade de moto-táxi sem o uso de protecção, provocando acidentes fatais.

Sobre este assunto, Zeca Moreno garante que a Direcção Provincial da Viação e Trânsito já foi chamada a tomar medidas e tem feito campanhas de sensibilização para acabar com este mal.

Quanto à recolha de resíduos sólidos, o responsável diz ser uma questão da responsabilidade da ELISAL.

“As operadoras alegam ruptura nos equipamentos de limpeza e outras situações inerentes às suas actividades, mas a ELISAL é que gere a recolha de lixo nas áreas padronizadas e é ela que contrata os operadores”, explica.

Já no que diz respeito à energia e água, o governante alega que é responsabilidade da EDEL e da EPAL, mas garante que estão em curso projectos, tanto ao nível de Viana como do país, que vão ajudar a melhorar a distribuição destes dois bens e a evitarem-se as constantes interrupções.

- Ruas sem asfalto, esburacadas e com água estagnada, é também outro cenário que se pode vislumbrar no Zango I, onde foram alojadas mais de 300 famílias das mais de mil desalojadas na sequência das calemas e incêndios que assolaram a Ilha de Luanda em 2008. Os outros moradores, segundo revelaram, são provenientes das falécias da Boavista, no município do Sambizanga. Domingas Manuel, moradora no bairro há sete meses, varre o espaço frontal da casa enquanto nos revela que a mesma foi comprada de um ex-desalojado que entendeu vendê-la para comprar uma moradia no centro da cidade devido às dificuldades com que se deparava para deslocar-se para o serviço e levar os filhos à escola.

A munícipe conta também que no Zango I o saneamento básico é precário: “como podem ver, já não resta beleza nenhuma”, lamenta, indicando para um amontoado de lixo, junto de um charco, à beira da rua.

A recolha de resíduos sólidos naquela zona está a cargo da empresa SGO, de acordo com o que apuramos na Administração Municipal de Viana, mas esta, pelo que constatámos, não

”

O Zango II é circundado por casotas de papelão, onde residem pessoas em condições impróprias, aguardando há 3 anos pelo realojamento definitivo.

tem prestado o seu serviço adequadamente. A Economia & Mercado deslocou-se a esta empresa, mas não teve sucesso nos contactos devido à ausência do seu director de operadores, cujo terminal telefónico também esteve desligado.

Proibido andar sozinho

Depois de percorrermos o cenário desarrumado do Zango I, piorado pelo mercado paralelo aí instalado, rumámos para o Zango II, mas a caminho fomos parados pela patrulha da Polícia de Intervenção Rápida, que cautelosamente inspecionou o carro e os seus ocupantes. Não havendo nenhuma infracção, seguimos viagem. Esta situação é de sublinhar porque nesta repartição do Zango o índice de delinquência é elevado e a polícia foi obrigada a redobrar a patrulha da zona.

Neste bairro, estima-se existirem cerca de três mil casas. Os moradores, que sonhavam com uma vida melhor, debatem-se com uma dura realidade, facto que obrigou alguns a abandonar as casas. Segundo revelaram, os delinquentes assaltam as pessoas que andam



Foto: Afonso Francisco

sozinhas no período das 5 às 6 horas da manhã e das 18 às 20 horas.

Rosa Afonso revela que a delinquência tomou proporções alarmantes na sua zona e acusa os moradores das tendas e casotas de papelão de darem cobertura aos malfeitores.

“Como pode ver, aqui as ruas são directas e os bandidos não têm onde se esconder. Sempre que assaltam alguém, eles fogem para as tendas porque naquela confusão ninguém os vê”, desabafa.

A munícipe acresce também que devido a esta situação o seu marido foi obrigado a formar um grupo com outros vizinhos que trabalham na cidade para se levantarem à mesma hora, às 4 da manhã, para irem trabalhar. Não obstante a esta situação, sentiu-se obrigada a optar por ter o filho a viver no Cassequel, de modo a evitar situações piores - é que este já um dia foi agredido quando saía da Escola Politécnica Alda Lara, onde frequenta a 10.^a classe.

Entretanto, além da delinquência que tomou conta do bairro, regista-se também um elevado índice de acidentes de moto-táxi.

De realçar que este bairro é circundado por casotas de papelão, onde residem pessoas em

”

Dos cerca de 6 milhões de habitantes que se estima viverem em Luanda, mais de 2 milhões encontram-se em Viana.

condições impróprias, aguardando há 3 anos pelo realojamento definitivo. As barracas podem ser facilmente observadas, sobretudo na longa linha que separa o Zango II do I e no lado oposto da estrada que vai a Calumbo.

Esses moradores provocaram o surgimento de uma praça à beira da estrada que, em simultâneo, também é paragem de táxis, colocando as suas vidas em risco iminente.

“Viver no Zango é ser guerrilheiro. O Governo acha que só dar casa é o suficiente. Vamos comer e estudar nas paredes da casa?”, questiona-se Edgar Sanjoma, acrescentando que não há no bairro infraestruturas de apoio aos moradores. Depois do Zango II seguimos para o III, onde os moradores fizeram poucas queixas, e as obras sociais ainda estão em curso, havendo algumas casas desocupadas e outras a serem transformadas pelos ocupantes, no âmbito do programa da autoconstrução dirigida.

Inicialmente encarada como uma solução para os problemas enfrentados nos bairros anteriores, a verdade é que nalguns casos, com a transferência para o Zango, as dificuldades dos moradores aumentaram, tornando mais difícil a sua luta por um mínimo de qualidade de vida. &